

# Arquétipos da dualidade feminina no conto “Desenredo” de João Guimarães Rosa<sup>1</sup>

*Archetypes of feminine dualism in the short-story “Desenredo” by João Guimarães Rosa*

Antonia Marly Moura da Silva

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – Mossoró – Rio Grande do Norte – Brasil

José Vilian Mangueira

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – Mossoró – Rio Grande do Norte – Brasil



**Resumo:** No conto “Desenredo”, integrante de *Tutaméia* (1967) de João Guimarães Rosa, os arquétipos da dualidade feminina emblematizam os atributos do posicionamento da mulher frente ao mundo. Adúltera, a personagem central é a Bruxa, a Grande prostituta, Lilith, encarnando a alma bacante, o protótipo dionisiaco, porém, no desfecho da narrativa, de forma mágica o amante consegue recompor aos olhos dos outros a imagem da mulher, temida e odiada pelos moradores do lugar. Reintegrando o arquétipo da Grande Mãe, a personagem passa a ser retratada como a Virgem, o arquétipo de Eva, representando a perfeição e a pureza: metas da aspiração masculina reconhecidas pela tradição de Eros. É, pois, seguindo essa linha de reflexão que faremos uma leitura do referido conto procurando reconhecer símbolos e arquétipos da dualidade expressos na arquitetura ficcional.

**Palavras-chave:** *Tutaméia*; “Desenredo”; Personagem feminina; Arquétipos

**Abstract:** In the short-story “Desenredo”, from *Tatuméia* by João Guimarães Rosa, the archetypes of the feminine dualism portrait the attributes of the women’s position in the world. Adulteress, the main character is the Witch, the Great prostitute, Lilith, personifying the bacchante soul, the prototype Dionysian, but, at the end of the story, by a magic way, her lover reestablish to the other’s eyes the image of the woman, which was feared and hated by the locals. Being part of the Mother figure, the character starts to be typified as the Virgin, Eva’s archetypes, representing perfection and pureness: goals of the masculinity aspiration recognized by the Eros’ tradition. Following those ideas we will do a reading of the short-story trying to recognize symbols and archetypes of the duality express on the fictional architecture.

**Keywords:** *Tutaméia*; “Desenredo”; Feminine character; Archetypes

## Introdução

Na produção literária de João Guimarães Rosa o mito adquire um estatuto de autoridade cultural e saber de prestígio, pois sua arquitetura romanesca é permeada de um conteúdo simbólico, revestido de significados especiais que encontram sua expressão concreta no mito. Em *Tutaméia*, (1967), atualizando e reinventando a linguagem, o escritor mineiro serviu-se abundantemente

de materiais míticos, trazendo à tona o imaginário cambiante de outras sociedades.

Convém dizer que mitos, símbolos e arquétipos são formas discursivas que ressoam traços peculiares de diferentes culturas. Talvez, por isso, as temáticas míticas funcionem como uma chave para a decifração de mensagens atemporais e de conteúdos fabulativos. Construídos no âmbito do imaginário, mitos e arquétipos carregam consigo uma mensagem que não está dita diretamente.

Os mitos são narrativas primordiais através das quais o homem revelou o seu estar no mundo. Os arquétipos, por sua vez, considerados modelos primordiais e repetidos através dos anos, se manifestam como ideias

<sup>1</sup> Este trabalho é um fragmento de uma pesquisa maior desenvolvida na Universidade de São Paulo, sob a orientação de Nádia Battella Gotlib. É também uma versão revista e ampliada do texto apresentado no XII Seminário de Pesquisa do CCSA/UFRN, em 2006, e publicado nos Anais do evento, no formato CD-ROM.

e atitudes. Os mitos fazem parte da humanidade e são representados através de manifestações arquetípicas do indivíduo. Jung (1964) se utiliza do termo *arquétipo* para designar manifestações estruturais invisíveis do símbolo, aspectos imagéticos que se originam de uma repetição constante, de práticas cotidianas reproduzidas de geração para geração. Segundo Jung (1964), arquétipos são "impressões" psíquicas, como uma marca ou imagem, gravadas no inconsciente através de símbolos, e é esta linguagem simbólica dos arquétipos que encontramos no sonho.

Com esta assertiva, podemos dizer que na ficção de Guimarães Rosa arquétipos da dualidade humana são revestidos de valores, numa encenação cuja marca é a ideia de contigüidade entre santos e demônios, coragem e medo, alto e baixo, claro e escuro, vida e morte, Deus e Diabo, o bem e o mal, desmitologizando definições teológicas e filosóficas sobre a questão. O que está em jogo é o processo de reflexão que decorre da compreensão de códigos representativos da dualidade mimética, característica velada e revelada pela linguagem. Sob tal perspectiva, buscamos neste trabalho compreender o modo de representação do feminino, destacando situações arquetípicas retomada e atualizadas no conto "Desenredo", tendo como ponto focal o diálogo multirreferencial da literatura com o mito.

## Do (des)enredo e dos personagens

Em "Desenredo", acompanhamos o itinerário da mulher através da conflitante figurativização dos arquétipos representados na dicotomia existente entre demônios e santos, sedutores e castos, entre o bem e o mal. Aliás, é o próprio narrador quem sublinha o poder do arquétipo e o propõe como fio condutor das aventuras e desventuras de Jó Joaquim, o protagonista da estória narrada: "Ele queria os arquétipos, platonizava" (ROSA, 1979, p. 39).

Nessa perspectiva, o narrador redimensiona a narrativa que passa a ser concebida como uma advertência dirigida veladamente ao "ouvinte", convidado a conceber o texto como um relato oral, logo na primeira linha: "Do narrador a seus ouvintes" (ROSA, 1979, p. 38), relato esse que somente no final adquire o caráter de um testemunho registrado em ata: "E pôs-se a fábula em ata" (ROSA, 1979, p. 40).

A menção ao arquétipo funciona como uma espécie de fio de Ariadne que guia o leitor no universo do mito e do símbolo, em suma, do *desenredo*, como quer o autor do conto. Trata-se de uma estória de amor, transcorrida em maio, tempo outonal, denotando a ideia de perda e não de florescimento, como lembra Guberman (1991, p. 216). O conto é construído de forma análoga a outros mitos

clássicos de amor e de adultério, apresenta como tema central um tipo de amor que destaca o poder da mulher sobre o homem no cerco amoroso, embora no desfecho da narrativa assuma a esfera do divino. No final do relato, a sacralização da imagem da mulher atinge a plenitude de Eros, substituindo o potencial do amor profano e destrutivo vivido por Jó Joaquim e Livíria numa situação com mais de dois amantes.

O relato do narrador focaliza a história de Jó Joaquim e Livíria, a companheira má que tem suas experiências amorosas reprovadas pela opinião pública. Num trajeto de relações adúlteras que desembocam num amor casto, Livíria assume cada vez mais os aspectos da Virgem, graças ao empenho de Jó Joaquim que, pacientemente, tenta convencer a pequena comunidade a rever seu julgamento sobre a mulher amada. Ele investe em argumentos positivos para projetar uma imagem oposta àquela que todos têm de Livíria, numa luta para que o povo reconheça o julgamento inicial como falso.

No decorrer e comenos, Jó Joaquim entrou sensível a aplicar-se, a progressivo, jeitoso afã. A bonança nada tem a ver com a tempestade. Crível? Sábio sempre foi Ulisses, que começou por se fazer de louco. Desejava ele, Jó Joaquim, a felicidade – ideia inata. Entregou-se a remir, redimir a mulher, à conta inteira. Incrível? É de notar que o ar vem do ar. De sofrer e amar, a gente não se desfaz. Ele queria apenas os arquétipos, platonizava. Ela era um aroma. (ROSA, 1979, p. 39)

Os indícios de que Jó Joaquim busca em Livíria a tonalidade ideal da relação amorosa, a elevação ou a transcendência da condição profana, aparece na referência a Platão, reforçada na menção à *ideia* e à atitude de *redimir* a mulher, textualmente referidos pelo narrador. O que nos faz lembrar o mito da caverna, questão amplamente reforçada na metáfora da mulher como um aroma; "o cheiro do belo" representando a busca do *bem*, da *ideia*, numa alusão aos conceitos platônicos presentes na arquitetura ficcional.

No conto, Livíria é a mulher insatisfeita e voraz, representa o amor carnal, o primeiro degrau de um amor que tende a elevar-se, ela é também a escuridão que massacra Jó Joaquim na tentativa de atingir um outro nível da relação amorosa. O desenrolar do caso amoroso materializa-se nos nomes da mulher, degrau por degrau, do profano ao sublime, até a conquista do amor espiritual, num percurso em que a mulher assume cada vez mais os aspectos da Virgem Maria representados no nome de Vilíria.

Numa caminhada mística e misteriosa, Jó Joaquim consegue reestabelecer a identidade da personagem. Pacientemente, de forma mágica, o personagem recompõe a imagem da mulher para manter-se respeitável aos

olhos dos outros. Finalmente, não mais Livíria, Irlívia ou Rilívia. Agora, Vilíria, a reintegração do arquétipo da Grande Mãe, a Virgem, “pura e perfeita” ou a mulher bela e cheia de bondade, encarnando em si as metas da aspiração masculina reconhecidas pela tradição de Eros.

A mudança de nome implica na transformação do caráter, decorrência inevitável da proeza de Jó Joaquim que “operava o passado e contraditório rascunho” (ROSA, 1979, p. 40), transformando assim, com a ajuda do tempo, a realidade do sujeito feminino, conforme destaca o narrador: “Sumiram-se os pontos das reticências, o tempo secou o assunto” (ROSA, 1979, p. 40).

### Livíria – Lilith: a lenda

Por força do próprio título do conto e, sobretudo, do motivo temático expresso na estrutura narrativa, pode-se dizer que em “Desenredo”, a concepção mítico-religiosa e a conotação simbólica que embasam a caracterização das personagens criam um clima propício para que a história de Jó Joaquim e Livíria passe a ser tratada como a recriação de uma lenda, inscrita textualmente pelo narrador: “Reportava a lenda a embustes, falsas lérias escabrosas” (ROSA, 1979, p. 39).

A figura feminina comporta no nome e em sua ação o tema mitológico bíblico: o binômio Lilith-Eva ou a Bruxa em oposição a Virgem, reforçado no conteúdo sonoro contido em seus nomes Livíria ou Vilíria. A imagem do feminino destrutivo e demoníaco, materializado na ação de Livíria, opõe-se ao que é sugerido na configuração do ser nomeado como Vilíria, a figura sobre a qual é projetada a imagem positiva da mulher. Livíria é a personificação de Lilith, encarna uma introjeção demoníaca, negando-se a ver a censura sobre afeminilidade erótica focalizada no amor adúltero, mundano e proibido. É oportuno lembrar:

Lilith, a sedutora, é descrita pelos cabalistas como uma prostituta que fornicava com homens. Ela é chamada de a Serpente Tortuosa, porque seduz os homens a seguir caminhos tortuosos. Ela é a Mulher estrangeira, a doçura do pecado e a língua má. Conta-se que dos lábios da Mulher Estrangeira jorra mel (KOLTUV, 1997, p. 59).

O eco de “Desenredo” com a lenda de Lilith pode ser observado nas figuras usadas para caracterizar a personagem feminina. “Antes bonita, olhos de viva mosca, morena mel e pão” (ROSA, 1979, p. 38). O signo mel nos remete à doçura do pecado e nos faz lembrar a figura de Lilith, o “ser com lábios que jorram mel”. A menção ao pão por sua vez expressa o que se convencionou caracterizar como a história das bruxas. Conforme Telles em seu texto “Ronda das feiticeiras”,

O que passou a caracterizar a bruxa no início da modernidade é a cerimônia do sabá<sup>2</sup> e o pacto com o demônio. Supunha-se que em troca de alguma coisa, muito pouco, um pedaço de pão ou uma moeda, como relatado nos processos, uma pessoa, em geral mulher, entregava sua alma ao Diabo, fazendo com ele um pacto de sangue. Tornando-se sua serva podia cometer qualquer crime que ele exigisse, matar e comer crianças, tornar os homens impotentes, as mulheres estéreis; envenenar; toda arte de delitos sexuais. Podiam também voar deslocar-se em grandes distâncias, para fazer malefícios ou frequentar o sabá (1991, p. 105).

O ato de voar, um exemplo de liberdade de movimento e de velocidade, evoca o direito de ir e vir, textualmente referido na narrativa e também materializado no interior dos nomes da figura feminina. “Voando o mais em ímpeto de nau tangida a vela e vento” (ROSA, 1979, p. 38); “Voltou, com dengos e fofos de bandeira ao vento” (ROSA, 1979, p. 40).

Nos nomes Livíria ou Irlívia ou Rilívia ou Vilíria, os componentes materiais da palavra enfocam o movimento referido anteriormente, o ir e vir da personagem potencialmente expresso no signo do nome próprio: LiVIRia – RilíVIA – IRLíVIA – VilÍRIA. Sobre essa questão, Chalhub assinala que “aos nomes em movimento – ir/vir – acopla-se a redundância do movimento” (1993, p. 58).

O nome da personagem destaca uma performance ativa e traz à tona vestígios da lenda de Lilith. Livíria, Irlívia ou Rivívia representando a exaltação do feminino errante e ambivalente, o sujeito sedutor e impuro, uma ameaça ao amor incontornável, alimentado por Jó Joaquim, o ser contido, disciplinado e subjugado às obrigações sociais e à moral. O nome próprio comporta peculiaridades do sujeito demoníaco e vil, manifesta o “rir” que caracteriza o demônio, o vilão (VIL), o diabo que ri zombeteiramente dos homens.

A aproximação gráfica e sonora do nome feminino com a palavra lírio, evidencia a relação com a lenda de Lilith e Eva.

Há uma crença popular inglesa segundo a qual os lírios se originam das lágrimas de Eva que caíram ao chão quando ela deixou o Jardim de Édem. Os lírios simbolizam a pureza de Eva, mas o nome – lírio – é surpreendentemente parecido com o nome da primeira mulher pecadora – Lilith (KOLTUV, 1997, p. 88).

<sup>2</sup> O sabá era a assembleia noturna à qual as bruxas e bruxos compareciam, voando enquanto dormiam, para venerar o Diabo e participar de orgias (TELLES, 1991, p. 106).

A palavra para lírio, em inglês, é *lily*, os componentes gráficos e sonoros já antecipam a aproximação entre os sujeitos, *lily* e *Lilith*. Livíria é a Lua e Vênus, a ambiguidade do feminino representada num jogo de letras que materializa as incertezas do seu comportamento. Ela encarna a alma bacante, o protótipo dionisíaco, alimentando a necessidade de viver um jogo de contravenções na situação do triângulo amoroso. A relação adúltera e secreta põe em foco o arquétipo da Bruxa, da Grande prostituta, de *Lilith* – a imagem do feminino demoníaco desejável e perigoso. Em função dessa mulher desenvolve-se o drama da figura masculina que vivencia uma busca incansável de recompor a imagem da mulher, tão odiada e temida pelos moradores do lugar.

*Lilith* é a fêmea de Adão que como ele, foi criada do barro, é um demôniofeminino que tem posição central na demonologia judaica (SCHOLEM, 1989, p. 321). Representa o lado sombrio do “eu” que se manifesta em homens e mulheres, sobretudo à noite. De acordo com a lenda, *Lilithé* a

Primeira mulher de Adão e rainha demônia da noite. *Lilith* reivindicou igualdade em relação a seu marido, mas quando constatou que não poderia obter um status igual, pronunciou o nome de Deus e voou até o mar Vermelho. Adão queixou-se a Deus, e Ele enviou três anjos, *Sanvi*, *Sansanvi* e *Samangelaf*, numa fracassada tentativa de trazê-la de volta. Os anjos fizeram-na prometer que, onde quer que visse seus nomes, ela não faria nenhum mal aos humanos. Desde então tornou-se a noiva de *Samael*, o senhor das forças do mal do *SITRA ACHRA*. *Lilith* é uma figura sedutora com longos cabelos, que voa como uma coruja noturna para atacar aqueles que dormem sozinhos, para ter filhos demônios dos homens por meio de suas poluições noturnas, para roubar crianças e para fazer mal a bebês recém-nascidos [...] (SCHOLEM, 1992).

Na versão cabalista, *Lilith* aparece como

demônio feminino com rosto de mulher, cabelo comprido e asas [...]. Um homem dormindo sozinho em uma casa pode ser tomado por *Lilith*. É mencionado no Testamento de Salomão, uma obra grega que data aproximadamente do séc. III, como um demônio feminino que se diz ser conhecido por dezenas de milhares de nomes e que se desloca sobre o mundo à noite, visitando mulheres em parto e procurando estrangular bebês recém-nascidos (SCHOLEM, 1989, p. 321).

Na demonologia cabalística, *Lilith* tem dois papéis primários: a de estranguladora de crianças e a de sedutora de homens. No *Zohar*, como em outras fontes, *Lilith*, essa figura de vários nomes, aparece como a feiticeira, a meretriz, a falsa, a sedutora. Em geral aparece como

aquela que tira o sossego de mulheres grávidas, de crianças e, sobretudo, dos homens.

Em “Desenredo”, é possível visualizar ecos desse mito que remonta o lado sombrio da imagem feminina. A personagem de “Desenredo” carrega em seu nome e em sua ação a sugestão da alma impura das mulheres demoníacas – *Livíria*, *Irlívia*, *Rivília*, em oposição a *Vilíria*, o ideal feminino. Nessa perspectiva, a mulher configura-se ora como demônio ora como o modelo de perfeição aspirado por *Jó Joaquim*.

*Livíria* é o ser triforme que representa plasticamente, na materialidade dos nomes próprios, os percalços e as mudanças vividas pela mulher no trajeto amoroso. *Livíria* manifesta assim, em oposição a *Vilíria*, a ideia de um sujeito impuro, objeto de cobiça amorosa de vários homens, materializando sutilmente a imagem da ameaça através da sedução e da volúpia.

*Jó Joaquim* é descrito com características que nos fazem lembrar *Jó*, a figura bíblica, o homem heróico, justo e paciente: “Sem malícia, com paciência, sem insistência, principalmente” (ROSA, 1979, p. 40). Acrescente-se a isso o ato da espera que instiga o amor de *Jó Joaquim* por *Livíria*, a mulher que volta para os braços do marido. Ele, *Jó Joaquim*, aceita a situação e permanece à espera de que a mulher retorne para seus braços. Convém assinalar que a espera é também um sinal de paciência. “Não se viam quando e como se viam. *Jó Joaquim*, além disso, existindo só traído, minuciosamente. Esperar é reconhecer-se incompleto” (ROSA, 1979, p. 38).

A fim de evitar o escândalo que a manifestação de seu amor por *Livíria*, uma mulher casada, poderia suscitar, *Jó Joaquim* mantém o adultério em segredo, esperando a mulher amada, enquanto continua a desempenhar seus deveres e obrigações sociais. Vale lembrar que na lenda *Jó* é herói que resiste a todas as provações e permanece justo.

Como na lenda, *Jó Joaquim* luta para manter-se justo e respeitável aos olhos dos outros. A relação adúltera e secreta, o decoro e a discrição em público são formas pelas quais ele tenta resguardar a imagem de “quieto, respeitado, bom como o cheiro de cerveja” (ROSA, 1979, p. 38). Ele enfrenta a censura alheia, assume *Livíria* e recebe a mulher amada de volta, após o terceiro caso de adultério. A mulher, sempre ausente, instiga em *Jó Joaquim* o desejo daquilo que ele não tem, o domínio da situação amorosa. Assim, quanto mais longe, quanto ela mais trai, mais ele a ama. O segredo que os amantes mantêm instaura o perigo e celebra um certo jogo que dá ao amor adúltero um caráter heróico.

*Jó Joaquim* e os outros homens disputam a posse de *Livíria*, como *Caim* e *Abel* disputaram a posse de *Lilith*. *Jó Joaquim* é o indivíduo que se sente “histórico, quase criminoso, reincidente” (ROSA, 1979, p. 39), após tomar



a atitude de expulsar a mulher traidora de sua vida, de sua casa, de sua cidade, num gesto digno de um “poeta e homem”, como afirma o narrador (ROSA, 1979, p. 39).

As atitudes do personagem, sob a vigilância dos moradores do lugar, estão sob julgamento; a comunidade atenta ao comportamento de Lívria, avalia até que ponto o homem resistirá às sucessivas traições da mulher amada e como ele dará um fim a tal situação, pois só assim ele poderá continuar sendo visto como modelo de homem e de caráter.

### Vilíria – o protótipo da virgem

A simbologia mítico-religiosa contida no signo do nome próprio em “Desenredo” antecipa o que quer propor o narrador no primeiro parágrafo, ao apresentar as personagens da estória narrada.

– Jó Joaquim, cliente, era quieto, respeitado, bom como o cheiro da cerveja. Tinha o para não ser célebre. Com elas quem pode, porém? Foi Adão dormir, e Eva nascer. Chamando-se Lívria, Rivília ou Irlívia, a que, nesta observação, a Jó Joaquim apareceu (ROSA, 1979, p. 38).

A referência a Adão e Eva, de um lado, evoca gratuitamente, a história do pecado original, o pecado de Jó Joaquim que partilha com Lívria as consequências de uma relação adúltera; de outro lado, retoma o mito bíblico acerca da criação do homem e da mulher. Nas escrituras sagradas, Eva<sup>3</sup> é a mulher que foi criada para atender ao desejo de Adão. Segundo a narrativa do Gênesis, durante o sono de Adão, Eva foi tirada de uma de suas costelas, daí a crença na subordinação da mulher ao homem. Em “Desenredo” Vilíria é o sujeito, inventado de forma mágica por Jó Joaquim para atender a suas aspirações amorosas. Vilíria representa o feminino casto, puro e perfeito, tão sonhado e desejado pelo protagonista da estória.

Lembremos que no mito da criação a mulher configura-se como matéria plástica, moldada a partir da costela de Adão. Em “Desenredo” por sua vez, a figura feminina adquire o estatuto de um “contraditório rascunho” (ROSA, 1979, p. 40). Portanto, na qualidade de rascunho, a mulher é um sujeito que ainda não está pronto. Lilith foi moldada de barro, Lívria por sua vez é o objeto plástico, moldado por Jó Joaquim para atender a um ideal masculino. Lívria, como Lilith é a imagem da sedução e no conto representa a primeira mulher; Vilíria como Eva é a mulher do depois. Observemos o que diz o narrador: “Antes bonita, olhos de viva mosca, morena

mel e pão” (ROSA, 1979, p. 38). Antes de que? Antes de Vilíria surgir?

Na composição do feminino em “Desenredo”, as personagens aproximam-se da lenda bíblica. Lívria, Irlívia, Rivília e Vilíria manifestam a ideia de que na narrativa ecoam experiências vividas pelas figuras Lilith, Eva e Maria. De acordo com Sicuteri,

a primeira – o conhecimento carnal – é censurada e removida; a Segunda, ao contrário, exprime a aceitação da imagem “boa”, externa, da companheira, aquela que é mais agradável ao Pai e à lei, mas que será também esta, inexoravelmente fonte de pecado (1985, p. 31).

A transformação de Lívria, portanto, tem o propósito de tirar de cena a figura perversa, sedutora e demoníaca para substituí-la pela criatura perfeita, boa, fiel. Vilíria representa a junção do protótipo da Virgem e da Grande Mãe.

A plurinomeação da personagem feminina possivelmente é uma alusão a Diana, Hécate, Ártemis, manifestações de Lilith e ameaças ao masculino.

Em “Desenredo”, Lívria não correspondeu aos anseios de Jó Joaquim e foi expulsa de sua casa, como Lilith que foi expulsa do Éden em direção às profundezas do Mar Vermelho. “Expulsou-a apenas, apostrofando-se, como inédito poeta e homem. E viajou fugida a mulher, a desconhecido destino” (ROSA, 1979, p. 39).

Convém sublinhar que em “Desenredo”, o mito da criação do homem é textualmente referido pelo narrador: “devolvido ao barro, entre o inefável e o infando” (ROSA, 1979, p. 38).

É importante frisar ainda que Adão – o sujeito que nomeou todas as coisas – é o ser consciente de sua solidão, também associado à instintividade e à necessidade de ter um outro ao seu dispor, tal como Jó Joaquim que se mostra inconformado com seu estado de incompletude, como podemos observar no comentário do narrador: “Esperar é reconhecer-se incompleto” (ROSA, 1979, p. 38), embora, em “Desenredo” a situação construa-se de forma diferente da história de Adão. Jó Joaquim experimenta o dissabor de uma relação adúltera e alimenta a insatisfação de manter-se subjugado à volúpia da figura feminina que dita a forma de amar. Calcado na situação do triângulo amoroso, o conto enfoca uma cena amorosa em que mais de dois sujeitos estão envolvidos: primeiramente Lívria, Jó Joaquim e o marido de Lívria, não nomeado na narrativa; concomitantemente ocorre o relacionamento dessa mulher com outro homem. A relação amorosa baseia-se, portanto, “em três estribos”, como assinala o narrador (ROSA, 1979, p. 38). O caso de amor vivido por Lívria e outro homem, além do marido, foge aos padrões de aceitação de Jó Joaquim, criando uma

<sup>3</sup> A primeira companheira, Lilith, que reivindicava igualdade de direitos na posição sexual, nasceu impura das mãos de Jeová e, relegada à condição de demônio, é substituída pela segunda mulher, Eva.

situação desconfortável que o faz sentir-se na qualidade de "pseudopersonagem": "Imaginara-a jamais a ter o pé em três estribos; chegou a maldizer de seus próprios e gratos abusufrutos. Reteve-se de vê-la. Proibia-se de ser pseudopersonagem, em lance de tão vermelha e presa amplitude" (ROSA, 1979, p. 38).

Jó Joaquim rende-se ao amor e poder da mulher e torna-se seu servidor.

Antes bonita, olhos de viva mosca, morena mel e pão. Aliás, casada. Sorriram-se, viram-se. Era infinitamente maio e Jó Joaquim pegou o amor. Enfim, entenderam-se. Voando o mais ímpeto de nau tangida a vela e vento. Mas muito tendo tudo de ser secreto, claro, coberto de sete capas (ROSA, 1979, p. 38).

Convém assinalar que o verbo *pegar*, além de denotar a ideia de "ser condenado a", comporta também a acepção de "ser alvo de – punição" (FERREIRA, 1975), sugerindo o fato de que Jó Joaquim, alvo da sedução e poder de Lívria, é condenado ao amor por essa mulher "tomada pelo Diabo", sempre contra o bem, a moral, o matrimônio, o homem... Por isso, a referência freqüente do narrador às atitudes negativas desse ser de instinto demoníaco, como podemos observar nos fragmentos que seguem: "Com elas quem pode, porém?" (ROSA, 1979, p. 38); "Deu-se a entrada dos demônios" (ROSA, 1979, p. 39).

O uso do pronome no plural para referir-se ao elemento feminino reforça o fato de que o narrador parece querer sublinhar o esfacelamento do feminino ao mesmo tempo em que parece querer destacar a ideia de um sujeito plural de comportamento dúbio. O uso do sintagma *demônios*, nos faz lembrar o mito das mulheres demoníacas: as mulheres que nasceram de Lilith, as *Lillims*, "procriadas por demônios e homens durante o período em que Lilith permaneceu no deserto. Apesar de os nomes variarem (Lilidtha, Even Maskit, Igrat, Mahalath e Naamah), sua energia mortal, asfixiante, sedutora e ardente é, essencialmente, a de Lilith" (KOLTUV, 1997, p. 55).

Nessa perspectiva, pode-se dizer que Jó Joaquim encarna o sujeito enfeitado e dominado por Lívria, o ser que vive uma difícil relação com o instinto animalesco da figura feminina, questão figurativizada na menção ao tigre e leão. "Da vez, Jó Joaquim foi quem a deparou, em péssima hora: traído e traidora. De amor não a matou, que não era para truz de tigre ou leão" (ROSA, 1979, p. 39).

Lívria representa o feminino que é atraído pelo proibido, o sujeito que aos olhos do amante e da comunidade é incapaz de desempenhar seus deveres e obrigações dentro da família e da sociedade e que tolhe a realização do amor ideal para vivenciar, de forma mundana, um amor errante que promulga o indese-

jável. Entretanto, a personagem opta pela contravenção, pelo exílio, rebelando-se contra os ditames morais e sociais.

A liberdade erótico-amorosa de Lívria abriga-se nas combinações materiais do seu nome, inscrevendo uma relação íntima entre personagem, nome e ação. Unidades lexicais são destruídas para compor um nome decomponível. No nome, Lívria é o sujeito que se nega a viver no espaço fechado de uma casa para ter o direito de se mover e de ser ela própria.

A história de Lívria lembra a história de Françoneto:

uma narrativa oral e rural e que ecoa acontecimentos ocorridos por volta de 1660, no final portanto do período mais acirrado da caça. Françoneto, a moça alegre e perfumada encanta a todos e começa a ser vista como uma ameaça para a força masculina. A jovem disputada pelos homens e Pascal – um deles – um seu preferido, apaixonado acaba casando-se com ela, mesmo contra a vontade da mãe e dos demais da região (TELLES, 1991, p. 113).

Podemos dizer, por fim, que em "Desenredo" o signo do nome próprio é o núcleo decisivo da narrativa. Lívria, também chamada de Rivília ou Irlívria ou Vilíria – sujeito que "sequer teve nome certo", conforme assinala Guberman, (1991, p. 220) – antecipa, no nome uma imagem cindida do mundano e do terreno em oposição à ideia de pureza e de perfeição, catalisadores da configuração final da mulher. Em relação ao nome do personagem masculino, podemos afirmar: ele, observado e julgado pela comunidade, mantém-se fiel à imagem de respeitado e bom, embora experimentando uma relação adúltera com uma mulher casada, infiel e condenada pela vizinhança. Como a figura bíblica, Jó, ele experimenta provações e continua justo e bom aos olhos de todos.

## Referências

- CHALHUB, S. *Poética do erótico*. São Paulo: Escuta, 1993.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- GUBERMAN, M. da C. *Desenredo: estudos de Platão em Guimarães Rosa*. In: CARDOSO, Z. de A (org.). *Atas do II Congresso Nacional de Estudos Clássicos*. São Paulo: SBEC, 1991. p. 215-221.
- JUNG, C. G. *O homem e seus símbolos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.
- KOLTUV, B. B. *O livro de Lilith*. Trad. Rubens Rusche. São Paulo: Cultrix, 1997.
- ROSA, J. G. *Tutaméia: terceiras estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

SCHOLEM, G. *A cabala e seu simbolismo*. Trad. Hans Berger e J. Guinsburb. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1989.

SCHOLEM, G. *Dicionário Judaico de lendas e tradições*. Trad. Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

SICUTERI, R. *Lilith: a lua negra*. Trad. Norma Telles e J. Adolpho S. Gordo. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

TELLES, N. Ronda das feiticeiras, In: SILVA, M. A. de M. (Org.). *Mulher em seis tempos*. Seminário temático II. Araraquara: FCL, 1991. p. 84-125.

Recebido: 31 de outubro de 2011  
Aprovado: 22 de novembro de 2011  
Contato: marlymouras@uol.com.br,  
vilian\_manguiera@yahoo.com